

PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO PARA UMA CONSCIÊNCIA CRÍTICA

O conceito de *conscientização*, elaborado no início dos anos 60, tem por objetivo uma educação humanizadora que leve o ser humano a se desenvolver no seu todo, a tornar-se um agente de transformação social.

Em torno desse conceito, no entanto, que exprimia uma nova proposta pedagógica, criaram-se muitos mitos; algumas pessoas passaram a ver na conscientização a tábua de salvação para o povo oprimido.

Outros condenaram esse conceito como algo demoníaco.

Muitos o manipularam segundo seus interesses.

E poucos o assumiram, adequadamente, procurando atuá-lo de modo coerente.

Com o recente retorno de Paulo Freire — um dos principais propugnadores da *conscientização* —, espera-se reorganizar, no Brasil, atividades educacionais nesta linha. Convém, no entanto, ter claro em que consiste realmente tal proposta educacional. Os inúmeros artigos e livros escritos por Paulo Freire, e que outros escreveram sobre ele, já dão uma idéia clara do que seja o processo de conscientização.

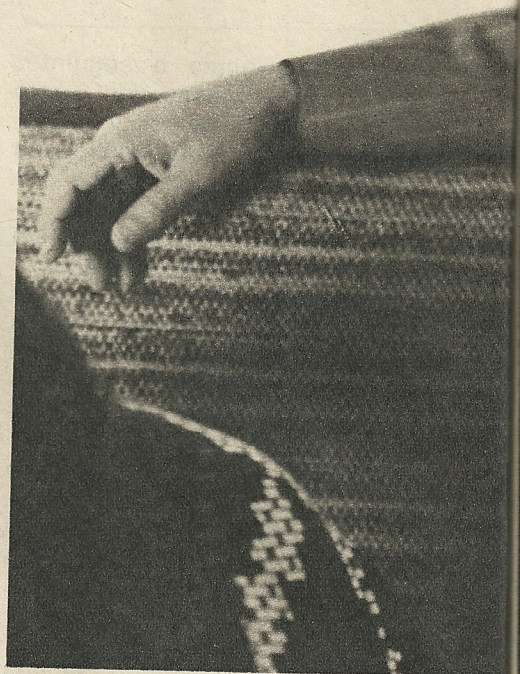
Pesquisando esta vasta literatura, colhemos dados que podem servir como um início de compreensão e, talvez, como um estímulo para aprofundar o conhecimento desta linha pedagógica que, após 20 anos de seu nascimento, pode ser considerada, em muitos aspectos, válida para enfrentar os graves problemas que estamos sentindo hoje na sociedade.

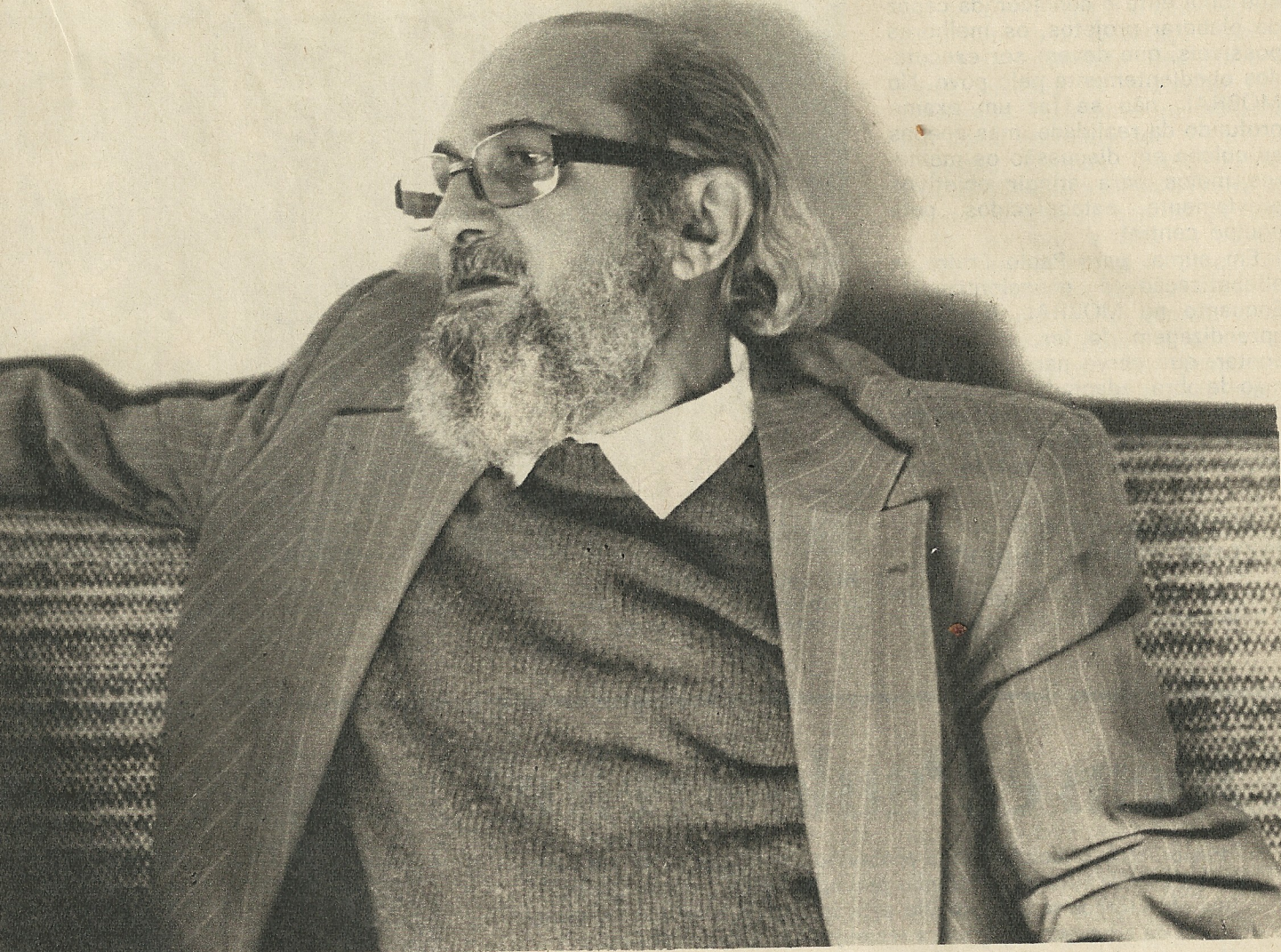
O termo “conscientização” foi criado por uma equipe de professores do ISEB (Instituto Superior de Estudos do Brasil), antes do ano 64; difundido e traduzido em inglês e francês por d. Hélder Câmara. Na tentativa de elaborar um método libertador de alfabetização de adultos, Paulo Freire assumiu e desenvolveu tal conceito. Conscientização, portanto, indica o processo no qual as pessoas, em diálogo e colaboração, vão percebendo os problemas da realidade em que vivem e assumindo, com os outros, uma ação organizada para transformá-la.

EDUCAR CONSCIENTIZANDO

Para Paulo Freire, toda educação que pretenda ser humanizadora e libertadora deve se tornar um processo de conscientização. Ao assumir um compromisso com a realização das pessoas — e, por isso mesmo, com a transformação das estruturas sociais que as impedem de se realizarem como seres humanos —, o educador assume a postura, *não de quem ensina a alguém que deveria aprender passivamente, mas de quem busca conhecer e transformar a realidade junto com os outros.*

O diálogo é fundamental dinamizador do seu método. Para viabilizar o diálogo em que educador e educando vão compreendendo os aspectos fundamentais de sua situação, Paulo Freire elaborou um procedimento: em primeiro lugar, os educadores pesquisam, junto





Fotos Abril Press

aos educandos, os aspectos fundamentais da situação em que vivem, procurando verificar o modo como eles percebem sua realidade. Estes aspectos seriam os temas que, uma vez organizados, se constituem num programa educacional.

Para despertar o diálogo sobre os temas (ou problemas da realidade), Paulo Freire adotou o método da codificação e decodificação temática: uma situação vivida que representa um tema é codificada (através de desenho, dramatização, textos, etc.) e apresentada aos educandos; estes, em diálogo, procuram explicitar quais são os elementos daquela representação e descobrir a relação existente entre eles. Da representação da realidade, passam a discutir a própria realidade vivida e, com isso, vão tomando consciência dos fatores reais que os condicionam e procuram descobrir uma forma de

interferir sobre eles. Em outras palavras, vão elaborando uma *consciência crítica da realidade*.

Na alfabetização de adultos, ao se discutir determinada situação ou tema codificado, apresenta-se uma palavra que evoque um tema vivido pela comunidade. Em seguida, decompõe-se esta palavra em sílabas e, com estas, os alfabetizando passam a compor outras palavras, aprendendo, deste modo, a ler e escrever criativamente, ao mesmo tempo em que vão compreendendo mais profundamente a realidade em que vivem.

PEDAGOGIA DE FREIRE E O MOBREAL

Já ouvimos dizer que o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) adotou as mesmas técnicas pedagógicas empregadas por Paulo Freire. Entretanto — como afirma a professora Gilberta Januzzi —,

“Paulo Freire e MOBREAL propõem pedagogias diferentes que não podem ser confundidas quanto à concepção de educação, quanto às finalidades, quanto às visões de homem e de mundo nelas subjacentes”.

Com efeito, para Paulo Freire, o mundo é uma realidade a ser transformada, e todos os homens são capazes de interferir criticamente em seu processo de transformação. Ele propõe um procedimento pedagógico em que o diálogo permite a superação da dicotomia elite-povo e em que se fazem análises e sínteses profundas da realidade.

Para o MOBREAL, no entanto, a educação é um investimento sócio-econômico a fim de preparar mão-de-obra para o mercado de trabalho. Assume, portanto, o mundo como “acabado”, dentro do modelo brasileiro de desenvolvimento, em

que uma elite é considerada capaz de elaborar projetos, os melhores possíveis, que devem ser executados obedientemente pelo povo. No MOBREAL, não se faz um exame profundo da realidade, mas apenas se coloca em discussão os melhores meios para atingir objetivos previamente estabelecidos pela equipe central.

Em suma, para Paulo Freire, a alfabetização é conscientização. Enquanto no MOBREAL, é apenas aprendizagem do ler, escrever e contar, que serve para preparar a mão-de-obra adaptada ao modelo econômico brasileiro. Seria, portanto, falso dizer que o MOBREAL adota adequadamente o método de Paulo Freire.

TRANSFORMAÇÃO OU "SATANIZAÇÃO DO MUNDO"?

O próprio Paulo Freire alerta que a palavra conscientização tem sido



Para que o indivíduo se torne um agente construtor da sociedade, não basta ensiná-lo a ler e escrever, mas é preciso ajudá-lo a tomar consciência da realidade que o cerca.

Quem é Paulo Freire?

Paulo Freire é mundialmente conhecido como o autor de um novo método de educação e como o propugnador da conscientização.

Sua obra tornou-se um estímulo para iniciativas criadoras no campo da educação e chegou a ser objeto de análises críticas.

Houve também muita mitificação e, até mesmo, instrumentalização indevida de seu método. E talvez, ainda hoje, se ouve falar de Paulo Freire sem ter uma noção clara de quem ele é, nem do que seja o processo de conscientização. Aqui reunimos dados que permitem conhecer alguns aspectos da vida de Paulo Freire e que dão uma idéia da obra que ele tem realizado.

Paulo Freire nasceu aos 19 de setembro de 1921, em Recife. Uma das lembranças mais caras que ele mesmo evoca de sua infância é a influência exercida pelo caráter de seus pais e o clima de compreensão e diálogo que reinava em sua família. Lembra-se também que, juntamente com sua família, sofreu o impacto da crise econômica de 1929 e passou árduas privações.

Experiências como estas foram moldando-lhe a capacidade de compreensão e sua preocupação pelos homens necessitados e oprimidos. Em Jaboatão (PE), para onde se havia transferido sua família, começou a descobrir que muitas coisas não funcionavam direito no mundo dos homens. Aos 10 anos, já se perguntava, o que poderia fazer para ajudar os outros.

Em 1944, com 23 anos, casou-se com Elza Maria Costa, professora primária e,

mais tarde, diretora de escola. Freire reconhece também a influência que sua esposa exerceu em sua vida, despertando-lhe, inclusive, o interesse pelos problemas da educação. "A Elza devo muito. Sua coragem, sua compreensão, sua capacidade de amar, seu interesse por tudo o que eu fazia, sua ajuda constante sempre me sustentaram nas situações mais problemáticas. Foi a partir de meu casamento que comecei a interessar-me sistematicamente pelos problemas da educação."

Tendo obtido a licenciatura em Direito na Universidade Federal de Pernambuco, logo deixou o campo jurídico para trabalhar no SESI (Serviço Social da Indústria). Como diretor do Departamento de Educação e Cultura do SESI de Pernambuco, depois, na Superintendência, de 1946 a 1954, fez as primeiras experiências que o levaram, mais tarde, ao método de educa-

ção libertadora. Esta etapa, que ele considera de tipo claramente "assistencialista", prolongou-se até 1961.

Ao tomar contato com o trabalho de alfabetização de adultos, já desde 1947, percebeu que os métodos tradicionais eram insuficientes. Encontrava neles os defeitos peculiares a todo o sistema tradicional de educação, principalmente na escola primária e secundária. Por um lado, prestam-se para manipular o educando e, por outro, como consequência, acabam "domesticando-o" em vez de fazer dele um homem realmente livre.

Como professor de História e Filosofia da Educação na Universidade de Recife, participou da fundação do movimento de Cultura Popular e, em seguida, passou a ser o primeiro diretor do Serviço de Expansão Cultural da mesma universidade. Foi neste centro que realizou, juntamente com uma equipe, as primeiras experiências, propriamente ditas, de alfabetização sistemática.

AUGE E QUEDA BRUSCA DO SISTEMA FREIRE

Foi no município de Angicos (Rio Grande do Norte) que se realizou a experiência piloto do novo método. Este pressupõe uma fase inicial, em que se faz um levantamento das características sócio-econômicas dos alfabetizandos e também do seu universo vocabular. Dentre as palavras mais usadas por eles, escolhem-se as *palavras geradoras*, que constituem a motivação básica para a alfabetização e a conscientização, que se realiza no "círculo

encarada incorretamente. Alguns viram nela uma espécie de ajuda mágica capaz de resolver seus problemas de ordem emocional. Outros buscam na conscientização um instrumento de atuação na sociedade para fazer a transformação revolucionária; estas pessoas — diz ele — pensam que basta sair com um projetor e um cartaz na mão e se encontrar com grupos de operários ou camponeses para que a transformação do mundo seja feita.

Um terceiro grupo cai na ilusão de que se pode transformar os homens sem transformar o mundo, ou de que seja possível humanizar e libertar os homens sem tocar na realidade social que os impede de se realizarem. Um quarto grupo, no entanto, assume a conscientização no seu verdadeiro sentido, como um processo de desvelamento da realidade para compreender de

modo radical e global o seu significado e assumir uma ação para transformá-la.

Estes grupos, com perspectivas corretas ou não, aproximam-se da conscientização com boa vontade. Mas há um outro grupo que vê no processo de conscientização algo semelhante à "satanização do mundo". Isto porque — diz Paulo Freire — descobriu que a conscientização, em termos concretos e reais, pode contradizer os interesses que o grupo defende e, por isso, a apresentam como um mal para toda a sociedade.

Mas, além daqueles que agridem o método de Paulo Freire por motivos meramente ideológicos e de interesses, há estudiosos que fazem uma análise séria de sua obra. Há críticos, como Sílvia M. Manfredi, que vêm na teoria de Paulo Freire a predominância de concei-

tos de caráter geral e abstrato que escondem uma orientação ideológica eminentemente idealista e liberal, incapaz de sustentar uma pedagogia realmente revolucionária, como pretende ser.

Outros críticos, como Fausto Franco, identificam Paulo Freire como um mestre na análise da realidade concreta, e isto — mesmo parecendo paradoxal — porque ele utiliza conceitos do existencialismo, que encara o homem como um ser-em-situação, e conceitos do marxismo, em que predomina o instrumental de análise desta situação.

Entretanto, para além dos mitos e das críticas que se fizeram em torno da figura e da obra de Freire, fica sua pessoa e sua corajosa iniciativa que repercutiu em várias partes do mundo, sendo capaz de movimentar pessoas e despertar idéias novas em educação.

de cultura". Neste ambiente, que substitui as tradicionais salas de aula, uma dupla de monitores coordena as atividades e os debates que os alfabetizando desenvolvem, sempre centrados nos problemas fundamentais vividos por eles.

Divulgados os primeiros êxitos da aplicação de seu método em Recife, Paulo Freire e sua equipe passaram a ser convidados a organizar e coordenar outras experiências de alfabetização, inicialmente, nos Estados do Nordeste e, posteriormente, no Sul do País (São Paulo e Rio de Janeiro) e na nova capital, Brasília.

O governo federal, que estava interessado na diminuição do índice de analfabetismo no País, deu grande apoio ao sistema de alfabetização de Paulo Freire. Inclusive o adotou no Programa Nacional de Alfabetização, instituído em 21 de janeiro de 1964. Neste ano, pretendia-se instalar 60 mil e 870 círculos de cultura a fim de alfabetizar um milhão e 834 mil adultos iletrados, atendendo assim 8,97% da população analfabeta do País, que era de 20 milhões e 442 mil.

Os cursos mal tinham sido implantados quando o Plano Nacional foi extinto a 14 de abril de 1964, com a mudança de governo. Paulo Freire foi, então, considerado subversivo e preso. Após dois meses de prisão, estando em liberdade condicionada, conseguiu refugiar-se na embaixada da Bolívia. Dali foi para a Bolívia e, em seguida, para o Chile.

Com a esposa e seus cinco filhos, Freire morou no Chile, de 1964 a 1970. Lecionou na Universidade de Santiago e assessorou programas de alfabetização

promovidos pelo governo de Eduardo Frei. Em 1969, começou a trabalhar para a UNESCO, e a Universidade de Harvard (EUA) o recebeu, durante dez meses, como catedrático. Em 1970, o Conselho Mundial das Igrejas o incorporou como consultor no campo da educação. Passou a residir em Genebra (Suíça), dedicando-se a este trabalho, dando cursos em vários centros de estudo e assessorando planos educacionais em vários países da Europa, África e América Latina.

Após este longo período de exílio, voltou para o Brasil, tendo, no ano passado, recebido convites para trabalhar na UNICAMP (Universidade de Campinas) e na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

A OBRA DE PAULO FREIRE

Durante os anos que permaneceu no Chile, Freire terminou seu primeiro livro — preparado durante seus anos de experiência educacional no Brasil — e o publicou com o título: *Educação como prática da liberdade*. O livro exprime uma reflexão sobre a experiência alfabetizadora do autor a partir da situação e do momento que vivia o povo brasileiro naquela etapa de sua história.

Paulo Freire caracteriza esta época como de transição de uma sociedade fechada — em que o povo brasileiro não teve condições estruturais de realizar uma experiência democrática — para uma sociedade aberta, em cuja construção o povo precisa participar. Neste contexto, ele concebe a educação como o processo

que visa a preparar o educando para participar, não só do ambiente social mais restrito (escola e comunidade), mas também das mudanças sociais que estariam ocorrendo na sociedade como um todo, ou seja, uma educação que instrumentalize o homem brasileiro para participar dos desafios de sua época.

Enquanto na obra *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire mostra uma grande preocupação com a participação do povo no processo de desenvolvimento e na edificação de uma democracia representativa, em *A pedagogia do oprimido* denota-se a preocupação em esboçar as linhas mestras de uma pedagogia para a libertação. Esta obra faz uma análise do homem oprimido e clarifica a estratégia usada pelas classes dominantes para manter a opressão, mediante inclusive a educação "bancária" — nome dado, por Paulo Freire, à educação em que cabe ao professor expor as idéias "verdadeiras e acabadas", e aos alunos resta apenas aprendê-las e arquivá-las, como se fossem depositários —, que reforça nos homens a passividade, fazendo deles meros depósitos de comunicados. Como meio para superar a opressão, propõe a educação "problematizadora", que levaria os oprimidos a assumirem a ação conjunta para transformar radicalmente a sociedade.

Na mesma linha da *Pedagogia do oprimido* surgiram o ensaio *Extensão ou comunicação?* (1969), vários artigos publicados no Brasil em 1976 num volume com o título *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* e as *Cartas à Guiné-Bissau* (1977).